

Francisco Salgueiro

Portugal Kitsch

Quando éramos pirosos mas
achávamos que tínhamos pinta

OPICINA
DO LIVRO

INTRODUÇÃO

Há muitos, muitos anos, quando os dinossauros andavam pela Terra e os seres humanos viam a preto e branco, comecei a escrever crónicas na revista «Notícias Magazine», que na altura era lida por cerca de três milhões de pessoas.

Sempre que alguém me perguntava sobre o que escrevia, o meu cérebro entrava em greve.

«Bom... eu... escrevo... sobre... sobre...» Durante vários minutos, o pensamento e a língua ficavam em fusos horários diferentes e pensava que devia escrever de imediato um livro de autoajuda para me autoajudar a dar uma resposta.

Basicamente, escrevia sobre o que via à minha volta: hábitos irritantes dos portugueses, o drama de viajar na classe económica dos aviões, o pesadelo de ficar hospedado em hotéis, como desidratei de tanto chorar com o fim do escudo, guia para sobreviver a férias de Verão em Vilamoura, porque odeio ir a casamentos, onde está o espírito de Natal, etc., etc., etc.

Sabia que por várias vezes corri riscos de ser deserdado, atirado para dentro de uma fogueira ou chicoteado com moedas de dois euros a escaldar.

Hoje é normal os artigos terem o endereço de *e-mail* de quem os escreveu. Naquela altura não. Anos 1990. Fui das primeiras pessoas em Portugal a fazê-lo. Tipo irmãos Lumière em versão *e-mail*. O *feedback* que fui recebendo era tipo Taylor

Swift num concerto no estádio de Wembley, a ser aplaudida em pé.

Os artigos deram a volta ao mundo. Dezenas deles chegavam à minha caixa de *e-mail* meses depois de terem sido publicados, vindos do Brasil, Inglaterra, Japão, chegando mesmo a ser traduzidos por alguém.

Havia alunos de faculdades, como por exemplo da Universidade Católica de Lisboa, que me diziam que alguns artigos eram estudados nas aulas de escrita. Alunos de liceus faziam peças de teatro baseadas neles. Sentia-me o ninja da escrita e já achava que tinha superpoderes.

Estas crónicas, publicadas entre 1998 e 2003, levaram a que escrevesse o meu primeiro livro, *Homens Há Muitos*, que chegou a 8.ª edição, e depois os outros todos.

E assim se passaram anos a escrever sobre tudo o que me rodeava. Durante esse tempo, ouvi continuamente um pedido: «Quando publica um livro com as suas crónicas?»

Nunca mais as havia relido. Qualquer coisa que escrevo é como o sol para um vampiro. Mas depois de tantos pedidos fi-lo. E aí percebi que tinha um livro que mostrava o que fora Portugal no final do século xx.

Este livro é a RTP Memória, mas com mais pinta. A M80, mas sem anúncios. Cabelo grisalho sem ser grisalho.

Divirtam-se.

ÍNDICE

I

- Hotéis: Sonho ou Pesadelo? 15
Viajar de Avião: Que Bom! 26
Guia de Sobrevivência em Vilamoura 35
Bifas ao Ataque! 45
Adeus, Escudo 55

II

- Casamentos 65
Guia para Entrar no *Jet Set* Português 75
Conversas de tia 84
Tios ao Ataque 94

III

- São Valentim – O Dia mais Piroso do Ano 103
O Drama dos Cartões de Natal 111
Em Busca do Espírito de Natal 115
Vivó Natal 127

IV

- Hábitos e Tradições Enervantes 135
Portugal 1980 144
Expressões Irritantes 151
Os Portugueses, As Suas Manias e As Suas Pancadas 160
Clichés e Frases Feitas 167
ABC do Engate 175

V

- Olh'á Camiseta a Um Euro!!! 191
Por Detrás das Músicas 201

I

HOTÉIS: SONHO OU PESADELO?

Por que nunca dão pastas de dentes nos hotéis? Por que têm sempre os lençóis dos hotéis uma mancha? Por que tem o pequeno-almoço nos hotéis de ser tomado sempre até às dez horas? Por que têm os secadores de cabelo menos potência que um leque sevilhano?

Eu não sei como é com vocês, mas a primeira coisa que faço quando chego a um quarto de hotel é verificar se tem secador. Ok, é a segunda, a primeira é ver quantos canais a televisão apanha. Mas o secador vem num honroso segundo lugar, a milésimos de segundo.

Não há nada pior, num quarto de hotel, do que ter um secador tipo *Barbie*. Serei eu a única pessoa a exigir um secador que seque? Serei eu a única pessoa que não quer sair para a rua a parecer que tem as Cataratas do Niágara a escorrer pelo cabelo? Sempre que vou para um hotel leio as brochuras de apresentação como se os próximos cinquenta anos da minha vida dependessem disso. Cinquenta e quatro por cento das vezes, perdão, 87 das vezes, aliás 91 das vezes, qual o quê 99,999 por cento das vezes dizem que o quarto tem um secador. São sempre tão fantásticos que secam o cabelo em dois segundos, penteiam-no automaticamente e até aparam as patilhas. Tão poderosos que os astronautas da NASA levam modelos equivalentes para o espaço. Eu confio nas brochuras. Eu sei que sou ingénuo, mas confio nas brochuras e não levo secador de casa.

Para mim, o secador é quase tão importante como uma escova de dentes. Aliás, é mais importante que uma escova de dentes, porque, se eu não lavar os dentes um dia, enfio uma pastilha na boca *gluuuppp* e já está. Ok, sei que é um nojo, mas não me digam que nunca fizeram? Mas se não secar o cabelo, ele parece que apanhou um choque eléctrico, que viu o Júlio Isidro nu ou que tem um íman a puxá-lo. Por isso tenho de ir bem preparado. Mas se a brochura assegura, quase com comprovação notarial, que o secador faz com que o nosso cabelo fique com pinta, eu confio.

Mas na parede da casa de banho está quase sempre uma caixa, com um tubo de dez centímetros, estilo aspirador. Não tem ar de secador, não tem pinta de secador e não seca como um secador. Quando ligo e, em vez de um viágral *VRUMMMMMMM*, apanho com um tímido *Vrim*, tenho a certeza de que se ligasse uma ventoinha e à sua frente colocasse uma lâmpada de trinta watts tinha mais potência e mais calor.

Depois de ligá-lo, dá para tomar um chá, ouvir um discurso do Fidel Castro, ver todas as edições dos *Jogos sem Fronteiras* desde 1975, fazer dez filhos e assistir aos seus casamentos. Ao fim de trinta minutos com a mão a segurar o secador e a cabeça quase colada à parede, digo «Bolas, que se lixe, fica assim mesmo». E quando saio para a rua deixo um rasto de água pelo chão e, muito cuidado, porque quem vier atrás pode escorregar e partir a bacia, o colo do fémur ou a cana do nariz.

E já agora: não quero morrer sem que alguém me explique: por que estão esses secadores sempre tão presos à parede como se fossem o cofre do Bill Gates? Têm medo que alguém os roube? Receiam que alguém os atire pela janela? Existirá lá dentro uma câmara oculta para nos filmarem a tomar banho? Há hipótese de as suas peças serem convertidas em catanas?

Chuveiro

O que se passa com os chuveiros dos hotéis? Senhores engenheiros: estão bêbedos quando dão ordens aos vossos empregados para colocarem os suportes para os chuveiros? Acabaram de cair dentro de um poço de *whisky*? Tirando três ou quatro hotéis em que o suporte para o chuveiro podia ser regulado em altura, ao longo da minha vida apanhei sempre com dois tipos de chuveiros:

1) Chuveiros móveis em que o suporte está ao nível da barriga (para quem tem um metro e setenta e sete como eu. Quem tem um metro e cinquenta está ao nível dos mamilos. Quem tem um metro e oitenta está ao nível de uma área muito sensível e que tem de ser preservada).

2) Chuveiros fixos que estão presos à parede e colocados a um metro e cinquenta de altura.

Com os chuveiros que têm o suporte ao nível da barriga temos de desligar a água sempre que não estamos a usá-la, porque se não esguicha H_2O para fora da banheira e um duche de cinco minutos dá para os animais do jardim zoológico mais próximo pensarem que têm de fugir das jaulas porque vem aí a nova versão da Arca de Noé. Se queremos ter a água ligada, temos de manter o chuveiro no chão da banheira, com um pé em cima para não esguichar por todo o lado. *Uffff*. É uma canseira. Se não tivermos tirado uma licenciatura em malabarismo, podemos escorregar na banheira, torcer a coluna e ficarmos paraplégicos para o resto da vida.

Mas ainda pior são os chuveiros que estão presos na parede a um metro e cinquenta de altura. Não dá para subi-los ou tirá-los. Resultado: temos de tomar banho como se fôssemos o Corcunda de Notre-Dame. E como conseguimos tomar banho nestas condições? Às vezes, esquecemo-nos de que o chuveiro

é tão baixo e tungas! com a cabeça em cheio. A próxima vez que estiver ao vosso lado alguém que cheire mal, dêem-lhe um desconto, olhem para ele com pena e compreensão porque pode estar instalado num hotel com o chuveiro preso na parede.

Será que estes chuveiros são uma forma de os hoteleiros nos dizerem: se tivesses trabalhado mais, estarias num hotel mais caro e com chuveiro regulável? Ou será que é uma conspiração a nível mundial para as pessoas ficarem com galos na cabeça, dirigirem-se ao médico do hotel e terem de pagar uma consulta? Ou será que a associação dos «perfumeiros» quer que a população que frequenta hotéis cheire mal para comprar os perfumes dos seus associados nas Duty Free Shops? Perguntas! Oh, meu Deus, tantas perguntas e nenhuma resposta. Será que custa muito instalarem chuveiros com a altura regulável?

Almofadas

Uma almofada é tão importante como escolher a mulher certa para ser mãe dos nossos filhos. Conhece a nossa cabeça e sabe quantos centímetros tem de ir para dentro. Tem consciência de que se não se portar bem vamos ter insónias e pesadelos.

Quando reservamos um quarto num hotel deveriam dar-nos a escolher: «O senhor quer uma almofada tipo:

- a) Fofinha;
- b) Média;
- c) Dura como a marrada de um boi;
- d) Traz a sua?»

Mas não. Infelizmente, temos de gramar com as almofadas que nos impingem. Tão duras que mais valia darem-nos dez pedras da calçada para colocarmos a nossa cabeça ou tão moles que devem ser do tempo em que farmácia se escrevia com ph.

Os hotéis deviam incentivar as pessoas a trazer as suas almofadas de casa. Não deveria ser vergonha as pessoas andarem pelo átrio dos hotéis com a almofada debaixo do braço. Era uma ótima maneira para se meter conversa: «Mas que fronha tão gira... gosto especialmente desse Pokémon verde.» «Permita-me que sinta a textura da sua almofada?» «Seria possível experimentar a sua almofada consigo?»

As almofadas deveriam ser um símbolo de *status*, um motivo de conversa à hora do chá, um motivo de orgulho, como se fossem filhos fruto do nosso amor por uma mulher.

Escova de dentes

Eu agradeço a todos os hotéis por serem tão gentis e nos darem: sabonete, *shampoo*, amaciador de cabelo, *aftershave* e touca para o cabelo. Estão em cima do lavatório. Nós não os pedimos, mas estão lá. Obrigado. Mas serei eu muito esquisito ou é pedir muito que também dêem à borla uma pasta e uma escova de dentes? Ou que pelo menos no *room service* seja possível encomendar uma pasta e a escova que vai penetrar pela nossa dentição?

Sou obcecado com a lavagem dos dentes. Se o meu pai fosse um industrial rico, pedia-lhe para investir num negócio que, tenho a certeza, seria tão rentável como o tráfico de brancas: a criação de centrais de lavagem automática para os dentes, estilo carro. No final até seria possível polir e encerá-los.

Lavo os dentes pelo menos cinco vezes ao dia. A última coisa que faço em casa, antes de partir em viagem, é ir à casa de banho e *tchuck... tchuck*, lavo os dentes até que, subitamente, *piiiiiii...* continuo a lavar os dentes e *piiiii...* o táxi já chegou. Bochecho, desço as escadas, entro no táxi e canto como se fosse um tenor para o taxista sentir o meu hálito fresco «para o aero-

porto». Do que me esqueço sempre? O que fica sempre em casa? A escova de dentes e a pasta.

Devo ser a pessoa que mais supermercados conhece em todo o mundo. Tenho uma colecção de escovas e pastas de dentes que deviam ser expostas no CCB.

Alguém é capaz de me dizer por que dão os hotéis gentilmente amaciadores e toucas de cabelo mas não fornecem pelo menos a pasta de dentes?! Sigam-me: não é um contra-senso darem uma touca e um *shampoo*/amaciador? Se dão uma touca, estão a incentivar a que a pessoa não lave a cabeça. Mas, se dão o *shampoo* e ainda por cima o amaciador, querem que os nossos cabelos fiquem cheirosos, certo? Não bastaria a touca ou o *shampoo*? Por que dão a escolher às pessoas se querem ou não molhar o cabelo? Se só dessem um, já haveria dinheiro para a pasta e escova de dentes.

Micro-sabonetes

Felizmente sou magro. Elegante. Bem constituído. Com posses. E um óptimo partido. Depois deste momento narcísico em que acabei de dar a mim mesmo um beijinho no espelho, voltarei ao princípio: felizmente sou magro, porque se tivesse mais quarenta quilos em cima e parecesse a Moby Dick em dia de banquete, estava bem tramado.

É mais um dos mistérios dos hotéis que me assombram há muitos anos: por que têm os sabonetes o tamanho de uma carteira de fósforos e a espessura de uma moeda de cêntimos? Sempre que acabo de me lavar, resta na minha mão um pedaço pouco maior do que uma cabeça de alfinete, e, mesmo assim, só porque não lavei atrás das orelhas e poupei nas axilas. Começo a imaginar: se tivesse mais quarenta quilos, um destes sabonetes não daria sequer para lavar a minha barriga.

E ainda por cima são extremamente perigosos, se não temos cuidado podemos engoli-los quando estamos a lavar a cara ou enfiá-los para dentro dos ouvidos ou para dentro de outras protuberâncias obscuras.

E como se isto já não fosse o suficiente, normalmente não deixam mais de três por dia. Três! Mas o que pensam os hoteleiros que nós somos: atletas dos Jogos Olímpicos da Poupança de Sabonetes?

Pequenos-almoços

Para os hotéis vão sempre dois tipos de pessoas. Aliás, três, sem contar com os que vão experimentar as molas dos colchões durante uns minutos.

- 1) Os que vão em trabalho.
- 2) Os que vão de férias.

As pessoas que vão em trabalho acordam cedo e têm horários a cumprir. Certo? Mas se eu vou em férias é porque quero descansar. Quero dormir. Quero sonhar. Não quero ter de acordar cedo. Se me apetecer, quero poder acordar ao meio-dia, às duas da tarde ou até às oito da noite. E quando acordo quero poder comer... uma refeição leve... porque mal acordo não tenho vontade de comer uma feijoada, um bifê do lombo com batatas fritas, arroz e salada. Quero um *croissant*. Um sumo de laranja. Um pãozinho.

Não consigo perceber porque têm os hotéis um regime ditatorial descendente de Saddam Hussein. Mal chegamos à recepção está uma placa que diz: «Pequeno-almoço entre as 7:00 e as 10:00.» No fundo, bem lá no fundo, o que eles querem dizer é: «Não se atrase, seu mandrião. Nem pense em acordar depois das 10 horas! Se nós estamos acordados, você também deverá estar!»

É óbvio que quem vai para um hotel em trabalho consegue acordar a essas horas. E os turistas? Cansados de meses de

trabalho, de aturar os filhos e os sobrinhos aos berros e filas de carros todos os dias?

Para chegarmos a horas à sala do pequeno-almoço, temos de pôr o despertador, levantar dez minutos antes, vestir as calças por cima do pijama e ir a correr pelos corredores. Se chegamos um minuto, e basta um só minuto, sessenta segundos, depois da hora, a empregada já estar a tirar a comida e a olhar para nós com o ar «Seu calão, só acordaste agora!?! Já estou a pé desde as cinco da manhã!».

Por que dizem sempre as empregadas «Já fechámos. Agora só vamos servir o almoço daqui a duas horas»? Que eu saiba, os pães e os *croissants* não fecham para balanço. Vão simplesmente para a cozinha e são novamente metidos nas prateleiras. Os pãezinhos continuam lá, elas é que não os querem dar. No fundo, quando dizem «Já fechámos», o que querem dizer é «Já não o queremos servir, seu inútil pária da sociedade».

As senhoras da limpeza

Até fico com joanetes sempre que me lembro das senhoras da limpeza dos hotéis. O regime ditatorial dos pequenos-almoços é mau. Sim, muito mau. Mas nada se compara a estas senhoras! Uns despertadores em forma de pessoas. Os batalhões anti-sono. São a personificação do diabo. Vá de retro. Fora! *Chóóó!*

Se quisermos faltar ao pequeno-almoço o problema é nosso. Ninguém liga para o quarto a dizer: «Então, o senhor não desce? Olhe que o pequeno-almoço já está na mesa e a ficar frio. Saia lá da cama, seu mandrião, e venha comer. Quer que eu telefone à sua mãe?» Mas, se temos o azar de ficarmos no quarto que é o primeiro do corredor, onde as senhoras começam as limpezas... *oooopppppssss*.

Pelas nove da manhã, *Truc Truc!* E que poderoso toque elas

conseguem ter! Não é um *truc!* É um *TRUC* «Abra a porta porque eu quero limpar». Nunca podemos dizer «Seria possível, será um grande incómodo, é só uma sugestão, não leve a mal, vir um bocadinho mais tarde? É que a minha mulher está com afrontamentos. Não se está a sentir muito bem, é uma pessoa adoentada». E por que não podemos dizer isto? Porque elas são mestras na arte da manipulação. Olham sempre com um ar triste, de vítimas e dizem: «Mas se não limpamos os quartos por ordem, daqui a um bocado toda a limpeza do hotel está desorganizada.» Começamos logo a pensar que duas horas mais tarde só se ouvirão berros pelos corredores do hotel «Preciso de papel higiénico», «Por que está a banheira ainda com pêlos?». Claro que do ar condicionado se ouvirá «a culpa é do senhor do quarto 400». Depois todos os outros hóspedes virão atrás de nós, a atirarem-nos cuecas sujas à cara, *soutiens* de seis dias de utilização intensiva e embalagens de *shampoos* vazias. O melhor é mesmo dizer «Então limpe lá o quarto. Não vai demorar muito tempo, pois não?».

Se ainda estávamos com alguma esperança de voltar para a cama, entrar em hibernação durante dez minutos e só acordar quando elas se fossem embora, *ahahaha*. Elas têm uns mega aspiradores, com um motor que parece um carro em Indianapolis... *VRRUUUMMMM*, e depois batem inocentemente com o aspirador na cama e dizem «Não estou a incomodar, pois não? Saio já. É muito rápido». O rápido nunca é menos de vinte minutos.

O mofo! O mofo!

Nunca vos aconteceu chegarem cansados da viagem, quererem descansar uns minutos no quarto, meterem a chave na porta, abrirem-na e *bllllllaagghhhhhh*... que cheiro a mofo! Parece que acabámos de entrar num quarto onde se encontram dois cadáveres em putrefacção, esquecidos desde 1775. É um

bafo que invade as nossas narinas sem pedir autorização. Que percorre o nosso corpo e que tenta penetrá-lo.

Vou sempre reclamar à recepção. Não digo «É inadmissível! Dêem-me já o livro de reclamações». Tenho uma tática muito melhor: obrigo o recepcionista a ir comigo para cheirar a podridão no meio da qual ele quer que eu durma. Sim, porque aquele ser sabe da existência do cheiro do quarto e foi ele que me deu a chave. Como ele é o culpado, vai ter de sofrer.

Ao longo do corredor sinto-me um gladiador após ter ganho e a receber as ovações do público. Estou pronto para o próximo embate. Se nessas alturas me aparecesse o Mike Tyson pela frente seria eu a morder-lhe a orelha. Abro a porta e digo «Está a sentir?». Esperando um pedido de desculpa e a oferta de estadia vitalícia naquele hotel, com o bônus de noites eróticas com a mulher e a filha mais velha dele, a resposta é «Não cheira a nada. Está ótimo». O quê?! «Não sente um leve cheiro a estrume de vaca, misturado com o suor de um maratonista que não usou desodorizante?». «Não, está ótimo e agora se me dá licença, tenho de voltar à recepção porque tenho muito trabalho.» Já depois de sair do quarto, vira-se para trás e diz «mas se o senhor sente...» e nessa altura penso que o final da frase será «... posso mudá-lo de quarto», mas não, diz «abra as janelas!»

Que nojo! O que é isto?!

Já dormi em hotéis de luxo, com sete estrelas. Já dormi em hotéis onde nem havia baratas, porque até elas tinham nojo de lá habitar. Mas em todos os hotéis há sempre algo em comum: a mancha nos lençóis ou cobertores.

Algures, bem escondida, existe sempre uma mancha. Pode ser castanha, pode ser lilás, pode ser transparente com contornos cinzentos, mas existe sempre uma mancha. Pode ter um

milímetro ou dez centímetros, alta ou baixa, magra ou gorda. Mas existe sempre uma mancha. Não se sabe se foi durante a lavagem que um outro tecido debotou, se vem do interior de uma parte baixa do corpo humano, de um hambúrguer, da cera dos ouvidos, de ramelas derretidas ou da porcaria que está nos dedos. Mas existe sempre uma mancha.

Nunca vale a pena pedirmos para nos trocarmos de emergência esse lençol. Não vale. Porque a mancha que vem no lençol a seguir pode ser ainda maior e de cor ainda mais duvidosa. O melhor que têm a fazer é pegarem numa tesoura e recortarem a mancha, tendo sempre o cuidado de pegarem no tecido, nunca com os dedos, mas sim com uma pinça.

